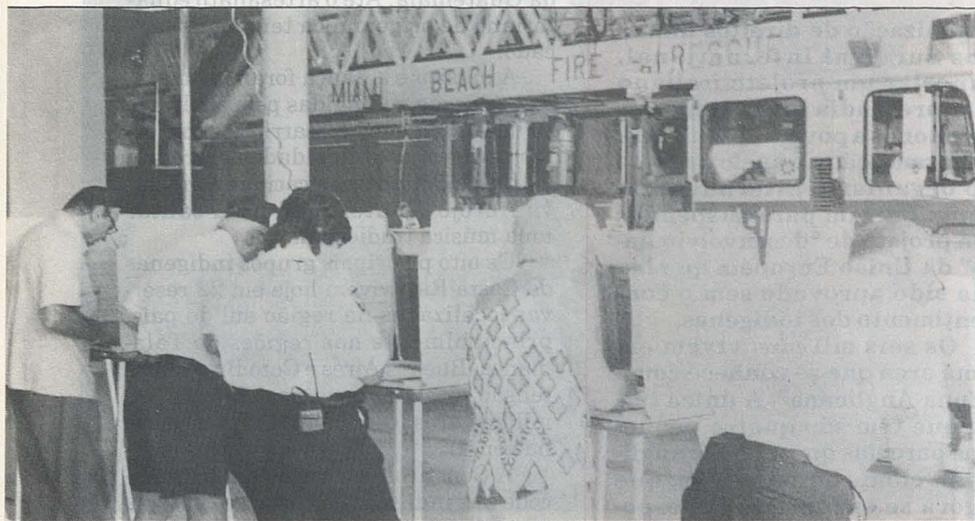


A tentação autoritária



Os votos de um quinto do eleitorado deram aos republicanos o controle do Congresso

O controle do Congresso norte-americano pelos republicanos pode impor uma política interna e externa baseada em valores como a xenofobia, o racismo e a crença na superioridade do "american way of life"

Mark Sommer*

Muitos norte-americanos se perguntam que desgraça ainda falta cair sobre suas cabeças depois da drástica guinada à direita resultante das eleições de novembro passado.

Os republicanos, de volta à cena política com renovadas forças, estão se movendo com a rapidez e a ferocidade típicas de uma guerra relâmpago para desencadear uma *Jihad* política e cultural contra todo aquele que divirja de sua visão absolutista.

Baseados no apoio de exatamente um quinto do eleitorado (55% dos 38% que se deram ao trabalho de sair de casa e ir votar), os republicanos reivindicam o mandato para "contra-revolucionar" o país.

Os analistas advertem que não se podem tirar conclusões definitivas dos

resultados dessas eleições e argumentam que, se o Partido Republicano fracassar na tentativa de dar soluções reais aos atuais problemas da população, o eleitorado simplesmente votará contra eles daqui a alguns anos.

O problema é que, uma vez no poder, poderia ser muito difícil desalojar esses senhores. Seu enfoque ditatorial da política, que promete uma justiça draconiana, uma rede de seguridade social feita em pedaços, isenções no imposto de renda para os mais ricos e uma política exterior beligerante, indica que eles são uma casta à parte, com pouca estima pelos valores democráticos.

Incêndio no Reichstag – O ativista pelos direitos civis Ralph Nader compareceu ao triunfo dos republicanos ao incêndio do Parlamento alemão (o Reichstag), que em 1932 terminou levando os nazistas ao poder na Alemanha.

Ainda é cedo para saber se a alarmante analogia é correta ou não, mas não é cedo para avaliar de que modo influirá o resultado das eleições na política dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo.

Como única superpotência, os Estados Unidos exercem atualmente uma esmagadora influência na política internacional e o controle do Congresso (Senado e Câmara) por parte de um grupo de políticos agressivamente ignorantes e sem informações acerca do mundo situado além das nossas fronteiras – e, pior, sem interesse em conhecê-lo – abre uma perspectiva inquietante não só para os norte-americanos, mas também para todos aqueles que, no exterior, se vêem afetados pela política dos Estados Unidos.

Os republicanos que assumiram o controle do Congresso em 4 de janeiro passado são abertamente diferentes dos que, há 40 anos, dominaram a Câmara de Representantes. Aqueles eram conhecidos como os "republicanos do country club" e, como membros do próspero *establishment* do leste do país, protegiam seus privilégios por meio de políticas fiscais e de estreitas relações com seus homólogos pertencentes a outras minorias seletas.

Em compensação, os congressistas Phil Gramm (Texas) e Newt Gingrich (Georgia) são dois exemplos da nova classe de republicanos que foram escalando degrau a degrau o poder, sem olhar para trás, vindos dos ambientes duros e inóspitos do sul e do meio-oeste do país.

Eles cresceram em culturas insulares e conformistas que suspeitam dos "forasteiros", temem as idéias que venham de fora, são hostis às pessoas de outras raças, mantêm uma atitude de desdém em relação ao resto do mundo e proclamam a superioridade do "american way of life", embora não conheçam nenhum outro tipo de vida.

Clinton: fraqueza e recuos – Bill Clinton será presidente ainda por outros dois anos e seus instintos políticos moderados podem fazer com que resista às ações mais radicais e xenófobas que a nova maioria republicana vai querer impor.

Mas o presidente tem capitulado com tanta freqüência em assuntos políticos e em questões de princípio durante seus primeiros anos de mandato, que seus adversários não sentem mais temor ou respeito por ele e rejeitam com desprezo seus esforços para chegar a compromissos bipartidários.

O fracasso de Clinton em manter-se firme no programa para o qual foi eleito não só abalou irremediavelmente sua credibilidade, mas também fez com que a opinião pública perdesse o respeito pelas idéias mais humanas e internacionalistas de sua geração (a do chamado *baby boom*, nascida após o fim da II Guerra e que, pela primeira vez, chega a posições de poder). Devido a essa fraqueza do presidente, poderíamos assistir a um "golpe" do atual Congresso dominado pelos republicanos.

Embora Clinton ainda mantenha o poder de veto, seus conselheiros afirmam que ele só pode acalentar esperanças de ser reeleito se pender para a direita. Se o presidente seguir esse conselho, é improvável que ofereça resistência à ofensiva republicana e igualmente difícil que seja reeleito.

Confronto com a Rússia - O que poderíamos esperar de uma política externa dos Estados Unidos conduzida por Jesse Helms, presidente da poderosa



Clinton: mea-culpa pela derrota



O senador Bob Dole (esq.) e o deputado Newt Gingrich: figuras chaves do atual Congresso

sa Comissão de Relações Exteriores do Senado?

Em geral, esperamos poucas intervenções de caráter humanitário e cooperativo (como as do Haiti e Somália) e muitas intervenções militares (como a do Golfo Pérsico) mediante a utilização de forças esmagadoras para proteger interesses elitistas.

Helms já anunciou sua posição contrária a que os Estados Unidos adotem compromissos a longo prazo com as Nações Unidas e à sua participação nas operações de manutenção da paz, as quais considera "excessivamente caras".

Além disso, Helms espera cortar a maior parte da assistência ao desenvolvimento do Terceiro Mundo do já magro orçamento da ajuda externa. Por outro lado, questionou a manutenção da ajuda norte-americana à Rússia e defende uma rápida ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte que inclua os países do Leste da Europa, em particular os Estados bálticos (Letônia, Lituânia e Estônia).

A simples ameaça de tomar essas medidas claramente provocativas põe mais lenha na fogueira da já latente acumulação de ressentimentos nos nacionalistas russos, que há tempos insistem na tese de que os Estados Unidos não estão interessados em ajudar a Rússia, e sim, destruí-la. Atualmente, os líderes do Congresso norte-americano e do Parlamento russo se olham com um nível de desconfiança poucas vezes alcançado durante a Guerra Fria.

Os acontecimentos na Bósnia logo podem fazer com que uma faísca provoque um incêndio de proporções difíceis

de imaginar. Os EUA levantaram seu embargo de armas aos sitiados bósnios muçulmanos e os republicanos falam em enviar-lhes milhões de dólares em armas.

Mas os bósnios sérvios têm um firme aliado nos russos, a quem são unidos por uma cultura com muitos pontos em comum, além de uma implícita aliança militar.

A volta da Guerra Fria - Infelizmente, embora a Guerra Fria tenha oficialmente "morrido", o tempo foi muito curto para que o seu vírus letal desaparecesse. Para os republicanos que estão ganhando influência em Washington, assim como para os defensores da "linha dura" em Moscou, na realidade a Guerra Fria nunca terminou.

Esses expoentes da linha "dura até a morte" simplesmente haviam estabelecido uma parceria contra a sua vontade, embora sabotando todos os esforços para transformar suas sociedades e suas economias. Agora, agarram no ar a oportunidade para renovar uma batalha que beneficia apenas ambas as elites.

É extremamente irônico que depois de seu triunfo sobre o totalitarismo, os Estados Unidos estejam se deixando seduzir por ele.

A democracia nunca correu tanto perigo nos Estados Unidos como hoje em dia, não por ameaças externas, mas por causa de seus próprios impulsos autoritários, mascarados por um proclamado amor à pátria. ■

* Mark Sommer é um pesquisador associado ao Programa de Estudos sobre a Paz e os conflitos da Universidade da Califórnia, Berkeley